ANNO 13.º — Sabado, 13 de Novembro de 1920 — Numero 649

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
«Tipografia Social», de Procopio d'Oliveira—ILHAVO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54—AVEIRO

ARRE, LADRÕES! FÓRA, GATUNOS!

Portugal está, decididamente, nas garras de verdadeiras quadrilhas, organisadas para roubarem o ultimo ceitil á miseria dos seus habitantes.

Por incuria dos governos e desleixo dos seus delegados nas provincias não ha que comer porque os açambarcadores de tudo lançaram mão, dificultando a vida a ponto de só os privilegiados da fortuna poderem arrancar dos grandes celeiros, em troca de fabulosas quantias, o que para o povo é vedado por não chegarem a tanto os seus minguados recursos.

E' critica a situação? Sem duvida. E' critica e intoleravel, não se admitindo que as autoridades nos deixem abandonados á ganancia dos exploradores contra quem, estamos a vêr, será preciso reagir por todos os meios em nome do futuro das nossas familias, do pão dos nossos filhos.

Para o sr. Governador Civil, para o sr. administrador do concelho mais uma vez apelâmos, rogando-lhes auxilio, protecção, inergicas providencias, enfim, tendentes a meter na ordem os comerciantes que da sua profissão fizeram uma gazúa com a qual, indistintamente, penetram em todos os lares, ainda os mais exaustos, ainda os mais vasios.

Basta de tanta exploração, de tanto abuso, de tanto crime!

Soou a hora de dizer á Ganancia—detem-te! De gritar aos gatunos—para traz!

Povo: Na luta que urge travar, sem desfalecimento, contra os causadores do nosso infortunio, estâmos contigo—para a vida e para a morte!

Abaixo os agentes da fome!

VERDADES

Aveiro tem estado sem pão e os outros artigos considerados indispensaveis á vida atingiram, no mercado, preços tão fabulosos que chega a ser um autentico escandalo o que se está praticando em materia de subsistencias.

Não falândo no resto, porque isso levar-nos-ia longe, a verdade tem que se dizer toda, custe o que custar, dôa a quem doer. Estâmos fartos de contemplações. Avisámos que era preciso cuidar a sério da alimentação publica, problema difici, é certo, mas quo nem por assim ser o deviam descurar. Foi mesmo que nada. Ninguem fez caso, ninguem quiz saber. Os resultados aí estão patentes. De quem a responsabilidade? Das autoridades e só delas, que a tempo não cumpriram com os seus deveres.

No concelho de Aveiro houve muito trigo, muito milho, muita batata, muito feijão, muito de tuto. Encheram-se os celeiros dos lavradores. Pois bem: em Aveiro falta o pão de trigo e todos os outros generos estão-se a vender tão caros que daqui a mais não sabemos quem lhes possa chegar.

E ninguem vê isto, e ninguem se importa com isto!

Autoridades, se as ha, existem apenas como elemento decorativo e para receberem o ordenado no fim do mez. Mais nada. Os açambarcadores trabalham à vontade, arrebanham por todo o preço, atulham os armazens. Estão no sou papel. Que lhes importa a necessidade do povo se aferrolham dum dia para o outro, quasi dum instante para o outro, quantias fabulosas? Estão no seu papel. Deixam-nos á vontade e opéram.

Opéram porque da parte de quem se devia opôr á sua acção criminosa tudo è passividade, quietude, cobardia. Opéram porque a manifesta imcompetencia das autoridades tudo lhes permite. Opéram porque não ha dedicação pelo povo consumidor, sempre desprotegido, sempre abandonado apezar das promessas com que os poderes publicos costumam acalmar-lhe os impetos. Teem o campo livre, nada lhes falta, é deles o mundo. Seguem, pois, embora a miseria alastre e muitos lares se inundem de lagrimas por falta do indispensavel para dar provimento á vida.

* * *

Senhores: é de mais o que se está passando neste país com a cumplicidade dos govêrnos, das autoridades, dos politicos e dos partidos.

Vivemos numa verdadeira Falperra sem ter quem meta na ordem os que tanto abusam, dificultando a vida economica da nação.

Em côro unisono clama-se, grita-se, barafusta-se que a situação é cada vez mais gráve, mas tanto faz como nada. Antigamente dizia-se que o *rei, regalado de festas, não tinha olhos para vêr a nossa miseria nem ouvidos para escutar os nossos queixumes...*

Parece não terem mudado as instituições porque, afinal, tudo corre na mesma, senão peor.

No entretanto, protestâmos. Protestamos contra o desleixo das autoridades que assistem, de braços crusados, ao açambarcamento dos generos alimenticios. Protestâmos contra a falta de competencia para os cargos que, só por vaidade ou espirito de ganancia, certos individuos são chamados a desempenhar. Protestâmos contra a corrupção que campeia infrene; contra os crimes que, impunemente, se deixam praticar; contra o despreso a que andam votados todos os problêmas de interesse colectivo.

Não será ouvida a nossa voz? Pois se assim fôr, contem os que da Republica se servem para satisfação das suas ambições, que duras verdades hão de continuar a ser aqui escritas para que, ao menos, se salve, no meio de tanta miseria junta, a honra do convento.

Films...

Os pianos

Deliberou o govêrno ultimamente fazer incidir sobre os pianos e pianolas uma contribuição que, não sendo pesada, dê ao Estado algum dinheiro de que tanto carece.

Como se trata dum artigo de luxo, aplaudimos, mas ha de o sr. Antonio Granjo prometer-nos não ir alêm, isto é, poupar as flautas porque então lá temos o Silverinho das ditas encravadissimo e isso é que não queremos vêr...

A' bôa paz

No dia em que tomou posse de alto comissario de Moçambique o sr. Brito Camacho, proferiram-se os costumados discursos. E, caso singular: nenhum dos oradores lhe notou defeitos, antes todos o elogiaram, inclusivé o sr. Norton de Matos, democratico, de cujo partido o sr. Brito Camacho maiores afrontas tem recebido, e que, depois de acentuar que depositava as mais fervorosas esperanças na administração do seu colega, o classificou de republicano de sempre, perfeito homem de bem, verdadeiro português, patriota como os que o são.

Por onde se conclue, afinal, que o antigo chefe unionista não é tão mau como o pintavam certos correligionarios do alto comissario de Angola...

Sempre nos quiz parecer...

PELO TRIBUNAL

Em virtude da sua promoção a juiz da Relação de Coimbra, retira para aquela cidade o sr. dr. José Pereira Zagalo que, enquanto juiz da comarca de Aveiro, conquistou simpatias pela rectidão mantida durante o exercicio do espinhoso cargo.

Felicitâmos s. ex.ª assim como desde já ficam exarados os nossos cumprimentos ao seu sucessor, sr. Visconde de Olivã, que em breve deve vir tomar posse.

O DEMOCRATA é o jornal republicano de maior tiragem e circulação que se publica na séde do distrito de Aveiro.

O Democrata vende-se em Aveiro no *Quiosque Raposo*, da Praça Marquês de Pombal.

Notas mundanas

Acompanhaho dum tio, esteve no ultimo domingo em Aveiro, dando-nos o praser da sua visita, o academico do 4.º ano do liceu do Porto, Eurico Barreto Figueiredo Paes, filho do nosso amigo e assinante sr. José Borreto da Guerra Paes, que entre nós residiu durante algum tempo.

=== Regressou de S. Pedro do Sul á sua casa da Costa do Valado o distinto clinico e nosso querido amigo, dr. Abilio Marques.

=== Tem andado viajando por terras do Oriente, donde nos escreve, o estimado aveirense Vasco Soares, a quem agradecemos as suas lembranças.

=== Parte para Lisboa, onde conta passar o inverno, o nosso excelente amigo, Antonio Madail, de Verdemilho.

MUITO BEM

Em maio do corrente ano foram apreendidos em Alferrarêde 653 litros de azeite pertencentes á Companhia União Fabril. Em vista, porêm, da falta daquele produto no mercado, o sr. ministro da agricultura vai promover que, independentemente do processo contra a mesma companhia, o azeite seja entregue ao consumo.

Muito bem. Merece os nossos aplausos o gesto do sr. ministro, mas a medida deve estender-se egualmente ás duas pipas apreendidas, nesta cidade, á firma Testa & C.ª e ao arroz que, em quantidade superior a 100 sacos, continua a apodrecer sob um alpendre proximo á estação de Quintans.

Para ser completo.

Para evitar demoras na entrega do jornal, a administração de **O Democrata** *lembra aos seus assinantes a conveniencia de a avisarem sempre que mudem de residencia.*

EM CAVALARIA 8

Uma brilhante comemoração aos seus mortos na guerra

Realisou-se, como fôra anunciado, a explendida festa de homenagem aos soldados mortos nos Campos da lucta, em França e em Africa, e que pertenceram a Cavalaria 8.

Como preito á verdade temos de registar que todo o acto seléne atingiu proporções de indiscutivel imponencia desde o seu inicio ao final, podendo afirmar-se, sem erro, que não podia ser mais tocante nem menos comevedora, toda a homenagem prestada aos que modesta, heroica, mas muito portuguêsmente, ergueram bem alto, entre a metralha e o fragor da lucta, o nome lusitano.

E' por isso que para a simpatica festa e para todos os seus iniciadores, entre os quaes merece especial menção o medico do regimento, capitão José Maria Soares, vae o nosso mais firme e entusiastico aplauso.

O vestibulo do quartel, que apareceu adornado com bandeiras e verdura, é ocupado por elementos de todas as armas, Câmara, associações locaes, academia, bombeiros, com os seus estandartes, funcionalismo, etc. A's 13,50 precisas descerra-se a lapide executando as quatro bandas o hino nacional e apresentando armas todas as forças que formam em frente do edificio —cavalaria, infanteria, marinha e guarda republicana.

E' soléne e impressionante o momento. A lapide, que tem o emblema de cavalaria encinado por a esféra armilar, contem os seguintes dizeres:

AOS NOSSOS MORTOS NA GRANDE GUERRA—1914-18.

Francisco Joaquim, natural de Alte, Loulé, soldado n.º 440, do 3.º Esquadrão.

AVEIRO SEM PÃO

A autoridade desinteressa-se da gravidade do momento ou não a compreende

DIAS E MAIS DIAS DE FOME

Continuam as padarias fechadas, a cidade sem pão e as autoridades indiferentes á gravidade do momento, cujas consequencias, na agudeza cruel e terrivel que ha de sobrevir, estão sendo adiadas porque o povo, no ultimo esforço pela sxistencia, vai transigindo com a audacia dos ladrões de toda a especie que descaradnmente o roubam.

E' indispensavel que alguem intervenha nesta situação que, francamente, afronta e desprestigia tantos quantos pelos seus deveres e encargos oficiaes tem o dever indeclinavel de adotar providencias rapidas e decisivas de forma a pôr termo a este este estado de cousas!

O sr. hovernador civil foi para Lisboa, o sr. secretario geral continua no seu silencio esfingico, a comissão de subsistencias emudeceu, o sr. administrador do concelho aguarda indicações e decorrem os dias—já lá vão 3 semanas quasi, até á hora que escrevemos—que o povo faminto, só sentindo os duros e dolorosos efeitos da fome, se debate numa luta improficua, estenuante, em procura do pão, que se fossem pedidas responsabilidades e alguem por elas respondesse **—nunca deveria ter faltado!**

E' profundamente extraordinaria—mas é tambem infelizmente sintomatica—toda a incuria, todo o desleixo, toda a indiferença, com que de longe tem sido olhado este caso, que, como não podia deixar de ser, atingiu o seu *terminus* produzido pelo esgotamento completo do *stock* da farinha destinada ao consumo publico!

E, como se não bastasse a falta completa de trigo, a farinha de milho principia de faltar tambem, já pela pouca quantidade existente, já pelo consumo extraordinario que tem tido. Assim, domingo ultimo, a borôa faltou, não sendo satisfeitas as necessidades dos que dela careciam para se alimentarem.

Tem ela sido, sem duvida, o formidavel e bendito recurso de todos quantos a podem comer. Contudo, é evidente o seu proximo esgotamento o que equivale ao golpe de misericordia dado na alimentação publica. Todavia, em volta do momentoso e gravissimo assunto, continua o mesmo criminoso silencio, a mais completa indiferença, a mais evidente inconsciencia!

Diz-se que foi adquirido no Porto um vagão de farinha e até já ouvimos que as guias estão aí, ha bastantes dias.

A acção, porêm, da autoridade limita-se—tambem nos informam disso— no comodo e simples expediente de mandar, de horas a horas, varios oficios pedindo a sua remessa.

Cabe, e muito bem, perguntar aqui: porque não manda o sr. governador civil—ou não vae ele proprio, por mais valor que teria a sua pessoa para a rapida solução do caso—arrancar do Porto esse decantado vagão de farinha?

Mas não. O sr. governador civil, ao que parece, só faz que anda, mas não anda, pelo que dia a dia se torna nais negra e aflitiva a vida da população, a vida de todos nós, votada ao mais completo abandono, á mais criminosa indiferença!

E como não bastasse tão lamentavel abandono, a autoridade está consentindo que se cometam os mais revoltantes abusos, as mais descaradas ladroeiras, permitindo que, desnaturadas creaturaras—ladrões sob o rotulo de negociantes—estejam vendendo ao publico por 15, 20, 30 e 40 centavos pão negro, cru, com toda a mistela infame de mistura, muito peor e mais perigoso do que quando se vendia a 4 e 5 centavos!

Ouvimos que a Associação Comercial, pensa em intervir na situação, parecendo, porêm, que não está ainda bem assente o inicio dessa intervenção: se inquirindo das autoridades se se compenetram ou não das suas responsabilidades e dos seus deveres, se independente de qualquer destas *démarches*, tratará de pronto da obtenção de trigo ou de farinha por forma a poder fornecer o mercado, satisfazendo assim as necessidades publicas pondo ao mesmo tempo termo á ladroeira desenfreada e provocadora, que sem o mais leve reparo de quem quer que seja, se está praticando revoltantemente por toda a parte.

Aqui fica—porque mais não conseguimos, apezar da imprensa ser o *porta voz das necessidades publicas*—o nosso protesto mais nma vez lavrado contra a situação e inerentes consequencias que ha tanto estão martirisando e afrontando a população desta cidade, sem que de ninguem. incluindo daqueles a quem cabe esse indiclinavel, e sagrado dever, venha a mais insiguificante medida tendente a modificar o que se está passando portas a dentro de todos os lares.

Aveiro sofre fome e ninguem pensa em atenua-la!

Providencias, srs. ministros!
Providencias, srs. do govêrno!

"O Democrata,,

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Portugal, ano	1$60
Semestre	$80
Colonias, ano	2$50
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	4$00
Avulso	$05

Anuncios

Por linha (1.ª pagina)	$30
« (2.ª pagina)	$15
Comunicados	$20

Contagem pelo linometro corpo 8. Permanentes, contrato especial.

Faleceu em La Gorgue, França, em 19-11-1917.

Manoel Tovares Jorge, natural de Roge, Macieira de Cambra, soldado n.º 326 do 1.º Esquadrão, faleceu de regresso do C. E. P. em França, no hospital militar de Belem em 1-6.º-1918.

Francisco Bernardo, natural d'Ansa, Cantanhede, soldado n.º 287 do 2.º Esquadrão. Faleceu em Brighton, Inglaterra, em 11-7.º-1918.

Antonio Batista, natural de Condeixa-a-Velha, Condeixa-a-Nova, 2.º cabo n.º 167 do 3.º esquadrão. Faleceu em Mossuril, Africa Oriental, em 14-12.-1918.

Nesta altura, o sr. general Mousinho de Albuquerque, comandante da 5.ª divisão militar, convidado a assistir ao patriotico acto, usa da palavra enaltecendo a memoria dos mortos e proferindo frases de engrandecimento e de amor para a Patria, representada na bandeira nacional. Segue-se o sr. Governador Civil, que diz estar ali em nome do govêrno. Enaltece o valor dum dos mortos, Manoel Tavares Jorge, que pessoalmente conheceu, podendo avaliar a grandeza dos seus sentimentos.

De novo as musicas executam o hino, os clarins soltam os seus toques de ordenança, as bandeiras abatem-se e as forças fazem a continencia.

Realisa-se após a sessão soléne, que tem logar na vasta caserna do 3.º esquadrão, belamente engalanada, tendo todas as janelas sanéfas e cortinas de damasco encarnado encimadas por trofeus com as bandeiras das nações aliadas.

Ao centro, lado norte, um grande estrado atapetado, com uma mesa cercada de cadeiras de couro, por traz da qual, entre um grande trofeu de bandeiras nacionaes, se destaca um grande busto da Republica.

Abre a sessão o sr. Governador Civil, que preside, tendo á direita os srs. general e comandante da aviação e á esquerda os presidentes do Senado e da Associação Comercial. Estão presentes todas as forças, assim como todos os convidados, grande numero de senhoras e enorme multidão de populares.

As forças armam bai netas e falam os srs. tenente coronel Guimarães, general Mousinho de Albuquerque, José Tavares e dr. José Maria Soares, que produz uma comovedora e bela oração, de que a pequenez do nosso jornal nos não permite, sequer, reproduzir pequenos trechos.

A assistencia, que é extraordinaria, aplaude com entusiasmo o orador quando no final do seu eloquente discurso exclama:

—Soldados! Esses mortos, vivendo no coração dos seus e no nosso, parece que se vêem por transparencia no estandarte do nosso regimento, imprimindo ás suas dobras e ás suas côres a silhuete épica e tipica das afirmações imortaes.

Ao encerrar a sessão, o sr. Governador Civil agradece á assistencia a sua comparencia, terminando por soltar vivas á Republica, á Patria e ao Chefe do Estado, que são unanimemente correspondidos.

As festas terminaram por um segundo concerto pela banda da Guarda Republicana do Porto que á noite executou, sob a habil regencia de Antonio Alves, explendidos numeros de musica, chamando larga concorrencia á parada do quartel, profusamente iluminada a luz Wizard.

Sem espaço para maior desenvolvimento desta noticia, *O Democrata* agradece o convite com que foi honrado para se representar em tão patrioticos festejos e de novo louva os seus iniciadores pela grandiosidade que lhes imprimiram, revestindo-os do maximo explendor.

Serviço Farmaceutico

Encontra-se ámanhã aberta a *Farmacia Ribeiro.*

Navios

Procedentes da Terra Nova entraram no nosso porto mais os lugres *Altair* e *Ondina*, da Companhia de Navegação e Pesca; hiates *Argonauta* e *Apolo*, aquele da Sociedade de Pescarias Argonauta, L.da, de Lisboa e este da Empreza Boa Esperança, L.da, da Gafanha; hiate *Nazaré II*, de Ribau & Bolas, L.da, da Gafanha e ainda o hiate *Encarnação*, de Bagão & Ribaus, tambem da Gafanha.

Tendo entrado em Lisboa, onde fica, o hiate *Regulos*, da Sociedade de Pescarias Terra Nova, daquela cidade, temos que, da esquadrilha daqui saída em junho ultimo, todos os barcos regressaram sem incidente e com regular carregamento do saboroso peixe, outr'ora conhecido dos pobres pelo nome de *fiel amigo.*

Cobrança

Já enviámos esta semana para as estações postaes do PORTO, PINHEIRO DA BEMPOSTA, DAFUNDO, GAVIÃO, ILHAVO, VAGOS, REGUA, ESPOZENDE, OLIVEIRA DE AZEMEIS, S. JOÃO DA MADEIRA e FERMEMTELOS os recibos daqueles dos nossos presados assinantes cujo ano está decorrendo e ainda de alguns que se acham em atrazo de pagamento e aos quaes instantemente pedimos o seu bom acolhimento para assim podermos fazer face ás enormes despesas a que a publicação de *O Democrata* obriga na época atual.

Que todos, pois, se compenetrem das nossas necessidades, que são grandes, visto não podermos dar á gazeta mais do que o nosso trabalho, muitas vezes superior ás nossas forças, por extenuante.

DISTINÇÕES

Deve realisar-se ámanhã pelas 14 horas, no salão nobre do *Club dos Galitos*, uma sessão solene para a distribuição de alguns diplomas e medalhas com que o govêrno agraciou o pessoal da Delegação da Cruz Vermelha, por serviços prestados durante a epidemia que em 1918 fez das suas.

Agradecemos o convite com que nos honraram para assistir.

Dr. Couceiro da Costa

E' possivel que á hora de circular o nosso jornal já não pertença a este mundo o nosso querido amigo e um dos mais considerados republicanos portuguêses, dr. Couceiro da Costa, cujo estado se agravou nos ultimos dias a pontos dos medicos madrilenos o darem por irremediavelmente perdido.

Oxalá, no entretanto, a Providencia se amercie ainda do ilustre enfermo.

O Democrata vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.